SERMÃO

PRÉGADO NA IGREJA

DE

N.ª SENHORA DOS MARTYRES,

EM LISBOA

A 13 DE MAIO DE 1855,

PELO BENEFICIADO

FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO.

LISBOA,

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ BAPTISTA MORANDO

RUA DO MOINHO DE VENTO N.º 59.

—

1855.

I
M2

2
m2

3
m2

3
M2

4
M2

SERMÃO.

Ecce filius tuus — Ecce Mater tua.

Evang.º

Ha quasi vinte seculos que um vaticinio espantoso sahiu da bôca d'uma mulher. — Uma pobre filha de Israel, conhecida apenas de alguem na humilde cidade que lhe dera o berço, abriu um dia a bôca, lá n'um canto obscuro da Judea, e disse com accento firme e seguro: « Todas as gerações hão de chamar-me bemaventurada. » *Beatam me dicent omnes generationes.*

Vaticinio espantoso ! . . . Annunciar firmes e concordes n'uma idéa, n'um sentimento, n'uma dedicação, todas as gerações do mundo futuro, theatro immenso, no qual a vontade livre do homem havia de representar tantas scenas, produzir tantas revoluções intellectuaes, politicas e religiosas, inaugurar e destruir tantos principios, votar ámanhã ao despreso tantos objectos da maior predilecção d'hoje, e até renunciar, ao pôr do sol, aos pensamentos com que o víra nascer ! . . . Vaticinio espantoso ! . . . Elle suppõe um conhecimento do porvir só proprio da divindade, só proprio d'aquelle que dirige todos os acontecimentos da terra, que vê todas as transformações successivas della, que as prepara, impelle ou suspende como lhe apraz, que tem na mão os corações dos homens, e que pode, sem offender-lhes a liberdade, ligá-los inalteravelmente a um objecto determinado.

4
M2

Mas que mulher é essa, a quem Deus abriu o livro da historia do futuro, e que leu em todas as paginas delle a dedicação que todas as gerações lhe haviam de consagrar? Todos vós a conheceis: é a humilde Virgem de Nazareth. — Que privilegio!... Ella vê, allumiada pelo raio da luz divina, lá desse canto obscuro, a tanta distancia dos acontecimentos: as nações levantarem-lhe templos e altares: as artes reproduzirem, debaixo de mil fórmas, a sua imagem e os seus attributos: o pintor preparar o pincel, o estatuario o buril, e o poeta o alaude, para immortalizarem o seu nome: vê todos os quadros, estatuas e canticos harmoniosos, que haviam de sahir de tantas cabeças inspiradas: vê todos os homens dotados do precioso dom da eloquencia offerecerem-lhe algumas flores do seu genio: vê, finalmente, como do cume da eternidade, como diz o Abbade Thiebaud, a firme, constante e amorosa confiança que nella haviam de depositar os homens de todos os tempos.

E sabeis vós d'algum vaticinio cumprido, em todo o rigor, com maior exactidão? — A Virgem tinha apenas, transpondo as nuvens, subido ao Ceu; e já devota alampada ardia de dia e de noite em frente de seu tumulo, collocado no Vale de Josaphat. Vinte seculos são quasi passados, a contar dessa alampada e desse tumulo até nós; e o sol não tem feito um só giro, sem vêr arder milhões d'alampadas diante de suas estatuas, e sem ouvir milhões de bôcas chamarem-lhe: Chêa de graça, Bemdita entre as mulheres, Santa Mãi de Deus, *Bemaventurada*, n'uma palavra: a cadêa mystica do culto da Virgem, formada de tantos elos quantas as gerações que se tem succe-

dido umas ás outras, prende as nossas homenagens d'hoje ás que lhe renderam os primeiros fieis de Jerusalem, ajoelhados diante de sua urna funeraria. Confessemo-lo : a historia do mundo não apresenta nada tão augusto como esta figura immortal, que zomba do roçar da aza do tempo, que vê seu nome atravessar a corrente dos seculos rodeado d'esplendor e de gloria, e que recebe constantemente, da parte mais pulida e virtuosa da humanidade, sinceros cultos de respeito e de amor.

As festas que compõe o attractivo e gracioso culto da Virgem, são assás numerosas. As que a Igreja manda celebrar, distribuidas pelos differentes mezes do anno, todos nós as conhecemos. Mas quem pode numerar as que a piedade christã lhe consagra em todo o orbe catholico, segundo as inspirações da sua devoção? Quem sómente as monumentaes, pertencentes ás diversas nações? Aqui, um povo enche as naves de seu templo, para lhe agradecer a remoção d' uma esterilidade : alli, outro leva-a em triumpho pelas ruas d'uma povoação, de que ella afastou o flagello da peste : agora, é um rei piedoso, que ajoelha diante de suas aras, e que lhe offerece o sceptro do seu reino : logo, é uma cidade, que vem cantar-lhe hymnos de triumpho, por occasião d'uma victoria. — Tal é o objecto da presente solemnidade : a tomada desta cidade aos inficis no berço da monarchia, attribuida á efficaz protecção de Nossa Senhora dos Martyres.

A Virgem, terna Mãi da humanidade, mostrou-se, com especialidade neste grande acontecimento, terna Mãi dos portuguezes. Figura-se-me, que o Deus d'Ou-

S
M2

rique recommendou nesse dia, á Virgem, particular protecção para com Affonso, e a Affonso, particular confiança na Virgem — dizendo a aquella: « Acode, mulher, acode ao piedoso cavalleiro, que vai pelejar pela cruz, é teu filho: *Ecce filius tuus* — dizendo a este: Não temas christão, não temas os mouros, confia em Maria, é tua mãi: *Ecce mater tua*. — O resultado não podia ser outro á vista da intervenção divina: foi a victoria dos soldados da cruz. A presente solemnidade, pois, que recorda esta victoria, é uma solemnidade monumental, como passo a mostrar-vos.

A contar só comigo, não subíra a este lugar, para levantar a voz no meio d'uma assembléa tão distincta. Mas eu conto com a protecção do rei dos martyres, e com a da rainha dos martyres: com a do rei dos martyres, exposto á nossa veneração n'aquelle Sacramento d'amor: com a da rainha dos martyres, representada n'aquella Imagem veneranda. Pedi-lhe, senhores, pedi-lhe para vós e para mim, que eu lhe peço para mim e para vós, a graça de que necessitamos: de que eu necessito, como ministro da religião; de que vós necessitaes, como filhos della: de que eu necessito, para fallar com dignidade; de que vós necessitaes, para ouvir com proveito. Juntai á esmola da oração o favor da benevolencia, e attendei-me por um pouco, que eu — principío.

Tudo na presente solemnidade é monumental: este dia, este sanctuario, a patrona delle, a invocação della.

Este dia. — Faz hoje, pelo contar da tradição,

708 annos, que o primeiro monarcha portuguez, a quem um bardo distincto da nossa terra chama — *Pai, fundador, heroe da monarchia* — á frente de seus terços, já cobertos de gloria, pelas palmas colhidas no campo d'Ourique e na escalada de Santarem, poz o segundo e ultimo cerco a esta nobre e antiquissima cidade, hasteando outra vez a cruz diante das meias luas, e respondendo á celeuma barbaresca de — *Viva Deus e o seu propheta* — com o grito christão de — *Sant-Iago, e ávante.* — Saudemos este dia com gratidão e amor.

Este sanctuario. — Foi o incansavel debellador dos arabes que, já de posse desta, outr'ora rainha dos mares, começou a sua fundação, convertendo em magnifico templo a humilde capella, levantada pelos estrangeiros no cemiterio preparado por elle neste mesmo lugar para jazida dos nobres alliados, que o ajudavam nos trabalhos do cerco, e que morriam nos combates delle. — Saudemo-lo com profundo respeito religioso: a agoa lustral que purificou o primeiro recem-nascido em Lisboa, depois da liberdade della, correu da fonte sagrada deste templo.

A patrona delle. — A Virgem, representada n' uma bella estatua d'ignoto artista, que os piedosos guerreiros do norte traziam na armada auxiliadora, e collocaram no cemiterio, que recebia os restos de seus irmãos d'armas. — Saudemos n'aquella, a copia fiel dessa imagem viajeira perdida pelo terremoto.

A invocação della. — Nossa Senhora dos Martyres! . . . Foi neste que ultimamente se converteu o titulo de *Santa Maria*, que tinha na armada, e a que Affonso substituiu o de: *Santa Mãi de Deus, Auxi-*

6
M2

liar benigna dos Christãos. Senhora dos Martyres, porque a trouxeram aquelles, que vinham de longe a pelejar pela fé, e que aqui morreram por ella. — Depois de termos saudado a Augusta Mãi, saudemos os dignos filhos della, cujos restos aqui existem.

Tudo, repito, tudo na presente solemnidade é monumental: este dia, este sanctuario, a patrona delle, a invocação della. Tudo nos convida a deixar por alguns momentos as scenas do presente, e a ir espairecer os espiritos pelas do passado. Tudo nos recorda — *A religião do nosso berço — A fé dos soldados que a protegeram, cruzando as suas com as nossas espadas — A confiança universal na Virgem, protectora eterna das nações que se collocam á sombra da cruz.* — Que reminiscencias para corações portuguezes! . . . Vivamos por algum tempo dellas: as recordações gloriosas tambem alimentam a vida.

A presente solemnidade recorda a religião do nosso berço.

As nações, como os individuos, nascem, vivem e morrem, tem um berço e um tumulo, e uma medida de tempo marcada pela Providencia para ir d'um ponto a outro, a que se chama vida. Assim como ha vidas e mortes esplendidas, assim ha tambem nascimentos gloriosos; e as nações e os individuos, que registam com orgulho as acções brilhantes da sua vida, e desejam que os vindouros registem as da sua morte, tambem archivam com ufania as glorias do seu berço. Da nossa morte, que posso eu dizer? Só Deus conhece o tempo fixo do acabamento das nações, e a

gloria, ou ignominiá com que hão de cahir na sepultura. Dilate elle a existencia da sociedade portugueza, e dê-lhe, quando bater a sua hora, acabar com honra. — A nossa vida (podemos dizê-lo sem mentir á historia, fascinados pelo amor da patria) se apresenta epocas decadentes, tambem conta epocas esplendidas. É o destino de todas as cousas humanas: o homem não pode com o pezo d'uma gloria inalteravel, e, muito menos, com o d'uma gloria progressiva. — O nosso berço (ufanemo-nos) foi um berço glorioso! . . . Eu o vejo cercado de tudo quanto pode honrar o nascimento d'um povo: de heroicos feitos d'armas, d'affectuosa dedicação á patria, d'ardente amor á religião. *Religião*, *patriotismo*, *heroismo!* Que titulos mais illustres pode apresentar uma nação, para se jactar de sua origem gloriosa?

Mas é força confessa-lo: todas as magnificencias do nosso berço rebentaram d'uma fonte, d'aquella donde rebentam todas as verdadeiras glorias individuaes e nacionaes: da fonte da religião. Só ella sabe crear o verdadeiro heroismo, e accender no coração o fogo do sagrado amor da patria, elementos tão necessarios á vida e á prosperidade das nações. É por isso que os instituidores antigos chamavam em seu auxilio o poder das crenças, e punham o nome de Deus á frente das suas legislações, bem certos de que o homem só pode ser alguma cousa á sombra deste grande nome. Tito Livio dizia, como quem citava um dogma historico: « Os nossos maiores pozeram sempre a Deus como princípio e fim de todas as cousas grandes. » E Voltaire (para citar um nome moderno, e não suspeito): « Não vos tenho escondido

*

7
M2

nem o bem, nem o mal (dizia elle, fallando do estado do universo antes do Evangelho) os nossos erros são devidos aos que se guiavam pela razão: a nossa gloria devemo-la aos que tinham por guia a fé. » — A religião, repito, eis-aqui a fonte donde rebentam todas as verdadeiras glorias individuaes e nacionaes, e donde rebentaram as do nosso berço: tivemos um berço glorioso, porque tivemos pais religiosos: e tivemos pais religiosos, porque nasceram e viveram n'um seculo de *crenças vivas.*

Confessemo-lo ainda: o destino dos individuos e das nações depende de muitas causas; e o espirito do seculo em que se nasce e vive, não é d'aquellas que exerce menos influencia nelles. Por fortuna delles e nossa, nossos pais nasceram e viveram n'um seculo de crenças vivas. O racionalismo não tinha ainda concebido o escandaloso projecto de substituir a rasão á revelação, a philosofia á fé, o homem a Deus; nem tinha dito em seu orgulho, para me servir das energicas expressões de Lamartine: « Amor, philosofia, enthusiasmo, religião, tudo isto é nada: calculo e força, cifra e sabre, eis-aqui tudo. Foram a cifra e o sabre, o calculo e a força, diz elle, que reduziram o seculo XVIII a um estado de perfeito marasmo moral. Foram o amor, a philosofia, o enthusiasmo e a religião, digo eu, que cercaram o nosso berço de tantas magnificencias. — Soffrei que o repita: por fortuna delles e nossa, nossos pais nasceram e viveram n'um seculo de *crenças vivas.*

Mas é preciso vêr estas crenças traduzidas em factos, e adereçando e perfumando o nosso berço. A religião era n'aquelles dias o que ella é na realida-

8
m2

de: a conselheira nata do individuo, o genio tutelar da familia, o paladio da sociedade, o oraculo universal da terra. Vêde como ella inspira os homens e as cousas d'aquelle tempo.—Vêde o rei fundador fazendo tributario este reino nascente ao chefe augusto da christandade. *(Não o censuremos de administrar mal os bens do paiz, e de sacrificar a nossa liberdade: o feudo não passava d'alguns maravidis, e era uma simples protestação de dependencia espiritual, e não temporal.)* — Vêde-o consagrando esta terra conquistada aos inficis a Santa Maria de Claraval. *(Respeitemos a sua devoção, e o pensamento de collocar os portuguezes á sombra de tão alta protecção.)* — Vêde-o acompanhando na psalmodia em Santa Cruz de Coimbra os religiosos d'aquella sua grande fundação. *(Não era, senhores, não era fanatismo, era pedir força ao Ceu para fundar a liberdade que nos legou: e a mão que largava o breviario, pegava depois com maior energia na espada.)* —Vêde-o gerando e educando filhos que deram filhas aos altares. — Vêde os guerreiros da sua escola tão pios como o mestre della: os Pedros Pais, os Diogos Gonçalves, os Mens Rodrigos e os Lourenços Viegas; e não vos esqueça esse valente que ahi morreu atravessado na porta desta cidade a que legou o nome. — Vêde o pavilhão portuguez, tão religiosamente decorado, erguido em todas as alturas, o templo christão substituido á mesquita arabe, a torre ao minareto, o Evangelho ao alcorão, o culto de J. C. ao do propheta. — Vêde, finalmente a civilisação christã tornar a apparecer nesta terra, que já havia sido regada com sangue de martyres, e os portugue-

8
M2

zes habilitarem-se por ella para receberem da bôca d'um estrangeiro (da de Bossio) este estrondoso elogio: « Nenhum povo (taes são as suas palavras) nenhum povo, *desde que existe o mundo*, devassou tantos mares, chegou a terras mais apartadas, sujeitou reinos mais distantes. » E porque, senhores? Porque Deus, como diz um poeta nosso:

Em todos os perigos protegia
Esta grande nação que nelle cria.

A religião do nosso berço revela-se ainda, com magnifico esplendor, no grande feito d'armas da tomada desta cidade. A paixão religiosa, que inspirou os factos anteriores e posteriores a elle, que já citei; não ardia menos viva no coração dos portuguezes e estrangeiros, que sitiaram, bateram e venceram esta cidadella dos arabes na Lusitania. Mas a piedade destes guerreiros deve formar uma vista, um grupo, um quadro á parte. Eu vou vêr se o posso desenhar, e apresentar-vos nelle uma nova prova da religião do nosso berço — E' para este objecto, que eu chamo agora a vossa attenção.

A presente solemnidade recorda a fé dos guerreiros que protegeram o nosso berço, cruzando as suas com as nossas espadas.

A tomada desta cidade foi um dos resultados desse movimento religioso, que começou a agitar a Europa no seculo XI, e que continuou a agitá-la no XII, em que teve lugar o assedio, a expugnação e a liber-

9
M2

dade della. — « Nessa epoca (diz Mr. Poujoulat na sua historia de Jerusalem) o nome de Jerusalem trazia tudo em activa fermentação. O impulso religioso partido da França communicou-se aos differentes reinos do Occidente: todos os sentimentos, todas as coragens, todas as ambições, só tinham um alvo, Jerusalem: as guerras de provincia a provincia, e de castello a castello, as querellas dos reis e dos grandes, tudo morria na presença do grande interesse de salvar o Christianismo, rijamente ameaçado pelas forças gigantescas dos mussulmanos. » — O quadro dessa epoca, traçado pelos habeis pinceis do historiador francez, é exacto: ajuntarei sómente, que, além da lucta geral que ia travar-se no Oriente entre mouros e christãos, existiam outras particulares da mesma natureza em differentes pontos, sendo Portugal um delles. — « E' preciso libertar os lugares santos, theatro da vida e morte do Homem-Deus: reconquistar o maior thesouro da Christandade, o Sepulchro de J. C.: pôr os nossos irmãos a coberto das perseguições dos infieis: tornar a hastear a cruz no lugar onde primeiro foi levantada: abrir um caminho franco a todos que quizerem visitar Jerusalem, Belem, Nazareth, o Thabor, o Jordão, o mar de Galilea: *Deus o quer!... Deus o quer!* . . . » — Tal era o grito, que então resoava por toda a Europa christã; tal o pensamento que armou esses nobres cavalleiros, que o genio do Tasso immortalisou na sua immortal *Jerusalem Libertada;* tal o grande projecto, que fez que faltasse o tempo aos Bispos para benzerem cruzes, que cobriu o mar de frotas e as estradas de cruzadas, e que parecia querer precipitar a Europa na Asia.

9
m2

Uma dessas frotas, destinadas ás guerras do Oriente, em que vinham allemães, francezes, inglezes e gentes d'outras nações, velejou nos nossos mares, quando Affonso meditava o segundo cerco desta cidade. Era o Deus d'Affonso, que enviava a victoria ao Gedeão portuguez. Não foi difficil persuadir a homens de fé, que não fossem procurar mais longe os inimigos della. A hora marcada pelo pendulo eterno tinha batido: Lisboa mussulmana ia tornar-se christã: e os anjos do ceu já preparavam as harpas cadentes para celebrarem a victoria. — Os guerreiros do norte desembarcam, tomam posição neste monte, agora tão decorado e então chamado o monte *fragoso*, apertam o cerco d'intelligencia com o monarcha luso, dão-se combates, perdem-se vidas, e a cidade é levada de assalto.

As gentilezas do assedio, o valor desenvolvido nas escaramuças e combates, o impeto do assalto, o completo da victoria, tudo revela o genio marcial das phalanges alliadas. Mas foi a fé que, depois de formar a base da sua gloria, poz o ultimo remate na coroa do seu merecimento: tudo mostra a dos portuguezes, e a desses soldados que vieram pelejar pela cruz nesta terra, onde acharam honrosa sepultura, e onde deixaram um nome, tão glorioso para elles, como caro á religião: o de *martyres!* . . . Esta é a maior gloria a que o homem pode aspirar: tão grande é ella, que o mundo, querendo honrar os escravos das suas opiniões, tambem chama martyres aos que morrem em defeza dellas. Mas nós sabemos destinguir o ouro da escoria, o que é de Deus do que é do homem, os martyres da fé dos martyres do mundo, firmados

na regra do profundo Agostinho: « Não é a pena que faz o martyr, mas a causa! » Que maior prova de fé podiam dar os estrangeiros, que combateram e morreram a nosso lado? Foram martyres! Tal foi o nome que lhes deram pontifices, bispos, reis portuguezes, e muitos escritores nacionaes e estrangeiros. O nosso João Roiz de Sá e Menezes cantou delles assim:

Vierão d'Inglaterra,
Com tenção que nunca erra,
Despender vida e thesouros,
Em ajudar contra os mouros
Os portuguezes na guerra.

Como martyres considerava da mesma sorte São Luiz rei de França os que morriam nas guerras do Oriente. Apparecendo um dia na cidade de Sajecto, e vendo no campo mais de mil corpos de soldados christãos, que haviam sido feitos em postas pelos Assyrios; chamou o legado do Papa que o acompanhava, fez-lhe benzer um cemiterio no mesmo lugar, e levantando um dos cadaveres com suas mãos: « Vamos (disse elle) vamos enterrar os *martyres de J. C.* »

Naquelle tempo, os Bispos tinham auctoridade para canonisarem nas suas dioceses: e D. João Peculiar, arcebispo de Braga e primaz das Hespanhas, e D. Gilberto, bispo desta cidade, concederam que fossem venerados como martyres os soldados portuguezes e estrangeiros mortos nesta guerra, aquelles sepultados em S. Vicente, e estes aqui no monte fragoso. — Outr'ora fazia-se-lhes festa no dia 8 de Novembro, octava de todos os Santos, com Missa e Oração propria.

Tiremos d'aqui uma verdade importante: a felicidade das nações que tem soldados de fé. Todos nós precisamos da religião, dessa *respiração da alma*, como lhe chama o já citado Lamartine; mas ha classes que necessitam mais della, em rasão da difficuldade e importancia dos seus deveres, e entre estas deve contar-se a militar. Os deveres do soldado são os mais arduos dos deveres sociaes: e poderá elle desempenha-los devidamente, se a religião lhe não fórma o caracter, e lhe não communica uma força tão grande como o dever? Oh! não. — Não é o vão fantasma da honra, o amor da gloria, a coroa de louro, a decoração do peito, a fama posthuma, que lha podem communicar. — Quando o soldado não tem diante dos olhos senão estes motivos terrenos e vaporosos; os reinos, os imperios, as republicas estão em perigo! . . .

Ditosos de nós! . . . Os soldados do nosso berço foram soldados de fé. D'aqui as magnificencias delle, que a presente solemnidade recorda. Depois de lembrar a todos os portuguezes a felicidade de terem tido soldados de fé, lembrarei aos filhos desta freguezia a de terem uma igreja fundada sobre sangue de martyres, como disse Pio IV.; sobre o sangue d'aquelles, que deram a vida pela fé, como cantou o nosso Diogo de Teive: *Pro fide læti posuere vitam.*

« Pela fé, quantos morrêrão,
« Com prazer a vida derão. »

A presente solemnidade recorda ainda uma outra gloria religiosa: a confiança universal na Virgem, protectora eterna das nações que se collocam á sombra

da cruz. — Neste ultimo quadro que vou traçar, acabareis de vêr a fé dos soldados do nosso berço, e a religião delle.

« Coração meu, sahe, sahe do lodo com humildade, mas com ardor, e eleva-te a Deus : posto que encerrado n'uma prisão d'argilla, eu sou filho de Deus. A terra é bella, bellos são os raios faiscantes desse astro que fecunda o seu seio, e o ar e a onda, e o dia e a noite, e as flores e os seres animados. Bello é o imperio do homem sobre os elementos : elle procura a felicidade, acha-a, ou prezume tê-la achado ; mas os seus desejos ardentes precisam sempre d'outra nova. As bellezas da terra não me bastam : tenho-as visto e admirado, admiro-as ainda : são sombras encantadoras, que o mais ligeiro sopro dissipa. Preciso de verdade, e esta só existe nesse ser immutavel, que accendeu o facho do sol, e que deu a palavra e a vida a seus filhos que se rojam no pó. Quem é elle ? Não sei ! . . . Quem sou eu ? Não sei ! . . . Mas a luz delle que reflecte em mim, posto que atravez d'um veu, e as mil vozes das suas creaturas proclamam-no o rei do ceu ! . . . Mas de todas ellas, a mais bella, a mais chêa de graça, aquella em quem mais brilha a sua imagem, e que mais falla ao coração : é Maria, é a Virgem, é a Filha do homem coroada no Ceu rainha de seus irmãos, é a ternura d'uma mulher reunida á misericordia d'um Deus. » — Quem será que assim falla ? Será, por ventura, o extremoso amante da Virgem, sentado, n'algum momento de feliz inspiração, ou sobre alguma das pedras, ou debaixo d'algumas das arvores de Claraval ? Oh ! não : é o auctor das *Minhas Prisões*, é o maior poeta da Italia moder-

na, é um *carbonario* convertido, é Silvio Péllico, n'uma palavra. A Virgem pagou-lhe o canto: a sua morte, acontecida ha pouco, foi a morte do justo.

Senhores, a Virgem tem sido sempre, depois de Deus, o primeiro objecto da piedade e da confiança christã. Esta bella figura, que apparece em enigma no paraiso, que atravessa em esperança os seculos antigos, que é, na bôca de Isaias, e até do Druyda, a *Virgem que ha de conceber*, e na de Balaão a *Formosa Estrella de Jacob;* tem attrahido a si, desde o seu nascimento, e desde os misterios da sua vida e morte, os corações e os votos da humanidade, na qualidade de nova Eva, e de nova Mãi do genero humano. — Tudo procura a sombra deste Platano frondoso, tudo a protecção deste Castello roqueiro, tudo o amor deste Coração virginal, tudo o favor desta Mãi rainha do Universo. — Todas as nações tem sympathias religiosas com a nova Eva: os Gregos chamam-lhe a *Toda Santa;* as filhas d'Esparta christã iam colhêr flores pelas margens dos rios para ornarem os seus altares; os trovadores da idade média faziam retinir o nome de Maria nas cordas do seu alaude; a França offereceu-lhe o sceptro do reino christianissimo pelas mãos de Luiz XIII; a Corcega chama-lhe a sua Rainha; nós, a nossa Padroeira; o mussulmano, à *Soltana do Ceu;* o selvagem, a Rainha das suas *pirogas.*

E os guerreiros? . . . Deixaria esta classe, que tanto precisa de soccorro do Ceu, de honrar a terna Mãi da humanidade? Não, senhores. — Os filhos da guerra apresentam-nos o exemplo da mais pura dedicação á Virgem: Carlos M. quiz ser enterrado com uma Imagem de Maria; os imperadores do Oriente levavam-

na em triumpho, em soberba carroça, ao campo da batalha; os soldados de Lepanto combatiam, invocando o seu nome; Rolando ordenou ao espirar, que a sua espada fosse guardada n'uma igreja da Virgem, e o nosso Affonso consagrou este reino nascente, como já disse, a Santa Maria de Claraval; o Condestavel tomou, por devoção á Mãi de Deus, o nome de Nuno de *Santa Maria;* D. João II ordenou, que a Virgem fosse o Orago de todas as Sés portuguezas; os nossos valentes da India fundaram em Gôa a igreja de Nossa Senhora da *Azara*, ou da Misericordia, e outras muitas até á embocadura do Ganges; e o maior soldado do nosso seculo, Napoleão o grande, escolheu para sua festa patronal a festa da Assumpção.

E faltaria aos guerreiros da armada auxiliadora esse terno amor á Virgem, que fazia a consolação, a força e a gloria dos soldados da cruz? Não faltou, não. — A confiança na Virgem protectora dos christãos é universal, anima ambos os campos alliados, fortalece os portuguezes e os estrangeiros. — Os estrangeiros traziam na armada a bella estatua de Maria, que deu o nome a esta freguezia, diante da qual ardia de dia e de noite devota alampada, lá no meio dos mares; e, desembarcados, collocaram-na na capella que fundaram, no meio do ruido das armas, no cemiterio que Affonso destinára para jazida de seus mortos, na qual os seus sacerdotes celebravam todos os dias os Officios divinos. (*Queriam que os mortos repousassem á sombra da protectora dos vivos e dos mortos: queriam Moysés que levantassem as mãos ao Ceu, em quanto os combatentes manejavam com ellas as espadas.*) — O piedoso Affonso collocou outra Ima-

gem de Nossa Senhora da Conceição (como é antiga entre nós a crença deste misterio!) chamada depois *Senhora da Enfermaria*, no campo de S. Vicente.

Mas o dia do assalto chega!... Portuguezes e estrangeiros combatem com denodo e firmeza: entretanto o valor dos mouros é grande, a sua resistencia pertinaz, e a victoria está indicisa. — Então, a Imagem protectora é conduzida ao campo, os christãos affrouxam um momento o combate, inclinam os escudos, tiram os elmos, ajoelham, oram!... Tal era a pratica do tempo das crenças vivas: o famoso Clemente, general de Corcega, fazia rezar o terço aos seus soldados, antes de entrarem em batalha. Alguem lhe censurou este uso, observando que os soldados prostrados não podiam defender-se do inimigo que atacava: « Deixai-os (respondia Clemente com accento firme e marcial) deixai-os orar! Acabada a oração, os Corsos levantavam-se como leões, e nenhum arredava pé, porque os soldados que oram, para me servir de expressão do Abbade Orsini, não sabem fugir. — Como leões se levantaram portuguezes e estrangeiros, depois de terem invocado a protecção da Virgem, e entrando por uma brecha aberta nos muros, os mouros foram vencidos, e a cidade libertada.

Que mais quereis que vos diga em prova da confiança universal em Maria? — Este sanctuario é o monumento della. O magnanimo Affonso, apenas sacudido o pó dos combates, e pago á Divindade o devido tributo d'uma religiosa acção de Graças, trata immediatamente de converter em magnifico templo a humilde capella dos estrangeiros. A capella fôra fundada durante os combates do assedio; o templo foi

começado logo depois da tomada da cidade: a capella é de Julho de 1147, o templo de Novembro do mesmo anno: aquella revéla a confiança dos estrangeiros na Virgem; esta, a do rei portuguez e a dos portuguezes. — A confiança, pois, era universal.

Senhores, persuado-me ter preenchido a minha missão, apresentando-vos, senão em delicado, em ostensivo relevo, o quadro annunciado com todas as vistas promettidas. Ninguem poderá duvidar, collocado em frente delle, da religião do nosso berço, da fé dos soldados que o protegeram, da confiança universal na Virgem: religião, fé, confiança, que este dia nos recorda, assim como este sanctuario, e a patrona delle, e a invocação della, vindo desta sorte a presente solemnidade a ser uma solemnidade monumental.

Mas perdão... enganei-me!... A missão do Orador christão não se limita a expender e a provar verdades, ou dogmaticas, ou moraes, ou historicas, ou de qualquer outro genero; deve tambem fazer a applicação dellas. N'uma assembléa tão illustrada, este trabalho está já feito de certo: que consequencias posso eu tirar das doctrinas expendidas, que a logica de tão distinctas intelligencias não tenha já tirado? — Mas como no meio das aguias a quem fallo, pode haver (quem sabe?...) pode haver algumas pombas, cujo vôo não sobe tão alto; soffram as aguias que, ao descender deste lugar, me lembre das pombas.

Se a religião, se a fé, se a confiança na Virgem nos deram um berço glorioso, e depois, como fructo do bom leite com que fomos nutridos, um tempera-

13
m2

mento robusto, uma vida esplendida, e um nome repetido com admiração e respeito por todos os écos do mundo; não desprezemos elementos que nos fizeram tão grandes. — Não digamos, com uma secção da escola racionalista moderna, que estes elementos estão gastos, que já perderam a força. — Senhores, a religião não é uma instituição humana, hoje florecente e rica de energia, ámanhã decadente, depois decrepita, e ultimamente morta. — A religião é uma obra de Deus, que conserva sempre o vigor da mocidade, que o mundo combate sempre porque a acha incommoda; mas que não vence nunca, porque é divina. — A religião faz ainda hoje na ordem moral o mesmo que faz o sol na ordem phisica: *allumia*, *aquece*, *fecunda*. Dirá com razão que o sol já não allumia, quem fecha os olhos á sua luz? . . . Que já não aquece, quem não se expõe ao calor de seus raios? . . . Que já não fecunda, quem não abre o seio ás suas influencias? . . . Pois appliquemos á filha de Deus o que acabo de dizer do astro de Deus: digamos da religião o mesmo que do sol, do pharol do mundo moral o mesmo que do pharol do mundo phisico.

Amemos, Senhores, amemos a religião que nossos pais amaram, sejamos homens de fé como elles foram, confiemos na Virgem como elles confiaram. Com esta religião, com esta fé, com esta confiança, honraremos as duas sociedades a que pertencemos, a religiosa e a politica, a catholica e a portugueza; e quando acabarmos de ser cidadãos do mundo, iremos ser cidadãos do Ceu, por todos os seculos e por toda a eternidade. Disse.

BIBLIOTECA
19
JUN.
41
Nº DE REG 3022

re-
cos
ize-
ção
ıtos
, a
re-
pois
ıma
no-
cha
e é
ral
ia,
não
e já
eus
e o
fi-
us:
ırol
ndo

ıos-
lles
ım.
ıça,
ıos,
za;
ire-
por

M2

In 73° p 40